

Dornelles discute dívida com Lemgruber

O ministro da Fazenda, Francisco Dornelles, convocou o presidente do Banco Central, Antonio Carlos Lemgruber, para uma reunião hoje a fim de discutir dois assuntos principais: a pauta da próxima reunião do CMN, dia 2 de maio, e a retomada das negociações sobre a dívida externa com o FMI e os bancos credores. Por causa desse encontro com Dornelles, Lemgruber cancelou sua participação em um almoço, no Rio, com representantes dos bancos estrangeiros que estão no Brasil para avaliar a situação econômica do País.

Ontem, esses banqueiros, liderados por Douglas Smee, do Bank of Montreal, estiveram na Seplan e discutiram com Paulo Nogueira Batista Jr., assessor do ministro João Sayad, a política econômica do novo governo. O encontro, segundo Batista Jr., serviu mais para que os banqueiros ficassem conhecendo os novos integrantes da equipe econômica do governo.

Nenhum dos participantes dessa reunião quis falar sobre o que foi discutido, mas um importante banqueiro nacional — Marcílio Mar-

ques Moreira, vice-presidente do Unibanco —, que recentemente se encontrou com representantes do comitê de assessoramento dos bancos credores, prevê dificuldades na renegociação da dívida. "As conversações com o FMI", disse ele, "serão a etapa mais difícil da negociação, pela diferença de posição do atual governo em relação ao anterior".

26 ABR 1985

O ponto-chave dessa mudança de atitude por parte do Brasil e da provável reação do FMI, segundo o banqueiro, é o lastro de credibilidade política do governo atual, "corretamente considerada como seu maior trunfo nas negociações". Por isso, segundo Marques Moreira, o lado brasileiro deverá evitar a adoção de metas irrealizáveis na oitava carta de intenções.

Referindo-se à postura adotada pelas autoridades econômicas do governo Figueiredo, Marques Moreira assinalou que estas aceitavam sem resistência as metas fixadas nas cartas de intenções, "embora convencidas de que seria difícil atingi-las, por limitações econômicas, sociais e políticas. Hoje em dia,

o governo considera preferível esclarecer todas as dúvidas e limitações no bojo da própria carta, definindo as metas que não considera como factíveis. E isso pode, num primeiro momento, chocar a ortodoxia dos técnicos do Fundo".

Para o vice-presidente do Unibanco, "os técnicos do FMI, um pouco ingenuamente, mantêm uma atitude perfeccionista, esquecendo-se de que o ótimo é inimigo do bom. Isso conduziu a maus resultados e feriu a credibilidade das autoridades brasileiras. A tal ponto que outros membros do Fundo já se estão perguntando sobre a validade desse procedimento e conjecturando se o FMI já não assinou cartas demais com o Brasil".

No exemplo dado por Marques Moreira sobre esse quadro das negociações, "uma inflação de 180 a 200% para este ano, que pode ser considerada como uma grande vitória das autoridades brasileiras, é desconfortável para o FMI". Nesse enfoque, os técnicos do Fundo terão dificuldade de reconhecer essa meta como válida para a oitava carta e fixá-la oficialmente.